



Quadro *A Virgem do chanceler Rolin*

**JAN VAN EYCK NO LOUVRE:
A VIRGEM DO
CHANCELER ROLIN
UMA AULA DE CURADORIA
À LUZ DE TEORIAS DA ARTE
PERCIVAL TIRAPELI - ABCA/SÃO PAULO**

RESUMO: Surpreendente exposição no Museu do Louvre de Paris de uma obra apenas, resultando em uma aula magna de curadoria. *A Virgem do chanceler Rolin* (1430 e 1435), de Jan van Eyck, que fora adquirida pelo Louvre em 1800, passou por longa restauração que revelou qualidades pictóricas antes pouco percebidas. A obra continua sendo uma das mais fascinantes realizadas no final da Idade Média e há muito tempo atrai grande interesse, não apenas por seu realismo extraordinário e cor brilhante, mas também pela aparente ousadia do chanceler Nicolas Rolin de se mostrar representado de forma tão proeminente, tendo a Virgem e o Menino Jesus à sua face.

PALAVRAS-CHAVE: expografia, restauro, pintura a óleo, iconografia, Gestalt, Renascimento.

ABSTRACT: A surprising exhibition of just one work at the Louvre Museum in Paris, resulting in a masterclass in curatorship. *The Virgin of Chancellor Rolin* (1430 and 1435), by Jan van Eyck, which had been acquired by the Louvre in 1800, underwent a lengthy restoration that revealed previously little-noticed pictorial qualities. The work remains one of the most fascinating works of the late Middle Ages and has long attracted great interest, not only for its extraordinary realism and brilliant color, but also for Chancellor Nicolas Rolin's apparent boldness in showing himself represented so prominently, with the Virgin and Child Jesus in front of him.

KEYWORDS: expography, restoration, oil painting, iconography, Gestalt, Renaissance.

A EXPOSIÇÃO NO LOUVRE

No período de 20 de março a 17 de junho de 2024 ocupou sala especial no Louvre em Paris a exposição da pintura de Jan van Eyck, representada por uma restauração histórica. Esta obra nunca havia sido reparada desde a sua entrada no museu, em 1800. O Louvre decidiu dedicar a primeira de suas exposições de 2024 à obra-prima do pintor flamengo, mantida na sala de La Chapelle desde 2014.

A mostra *A Virgem do chanceler Rolin* foi enriquecida de forma inovadora graças à comparação dessa obra com outras de Van Eyck, mas também de Roger Van der Weyden, Robert Campin e dos grandes iluminadores da época. Cerca de sessenta painéis pintados, manuscritos, desenhos, baixos-relevos esculpidos e objetos de ourivesaria foram reunidos excepcionalmente, graças ao apoio de numerosos museus e instituições na França e no exterior, como o Museu Städel de Frankfurt (que empresta a *Virgem de Lucca*), a Gemäldegalerie em Berlim, a Biblioteca Real em Bruxelas, a Biblioteca e Museu Morgan em Nova York e o Museu de Belas Artes na Filadélfia¹.

Exposição
A *Virgem do chanceler Rolin*



LEITURA CRÍTICA - GESTALT

A *Virgem do chanceler Rolin* é proveniente da colegiada de Notre-Dame-du-Châtel, em Autun, Burgundy, local do jazigo do chanceler Nicolas Rolin. A igreja foi destruída durante a Revolução Francesa e desde 1800 a obra está no Louvre. Esta obra-prima de Jan van Eyck (1370-1441) é plena de recursos pictóricos possíveis de leituras formais, estéticas e iconográficas. A leitura formal - sob as teorias da Gestalt² - mostra as linhas compositivas que formam o espaço cúbico do ambiente onde ocorre a cena. Com os recursos da perspectiva - projeção bidimensional - o artista cria uma sensação de tridimensionalidade. As linhas paralelas dos ladrilhos do piso vão se sucedendo, enquanto as diagonais indicam possíveis pontos de fuga em uma linha imaginária vertical. Esta linha se encontra no espaço do arco central, sendo o ponto visual localizado pouco acima da ilhota no meio do leito do rio. Assim, a composição deixa de ser estática, com o deslocamento do centro geométrico

para outros centros visuais, como os dois homens olhando a paisagem ou a ponte que repete os arcos.

No exterior, as linhas paralelas horizontais criam espaços cheios e vazios, como o pequeno jardim no qual nascem lírios, e pavões passeiam nos

degraus, com um passadiço com dois homens nas frestas da mureta, abaixo o rio ziguezagueante e finalmente as montanhas. Nos dois arcos das laterais as linhas das torres góticas se alternam com a criação dos campos e dos arvoredos.



Detalhe A *Virgem do chanceler Rolin*

Dentro do ambiente, talvez uma torre de palácio ou capela particular do chanceler, as linhas diagonais dos capitéis sobre as colunas e as horizontais dos frisos e vitrais criam um vazio preenchido pelos pesados tecidos dos personagens, separados por uma linha diagonal dos ladrilhos, que se alternam em quadrados e octógonos, e conduzem o olhar do espectador para o jardim, a ponte, o rio e as montanhas. E, por fim, o fundo infinito recortado acima pelo arco central.

A disposição dos objetos onde estão os personagens é divergente, o genuflexório do chanceler está em perspectiva paralela, assim como o *Livro das Horas*³; já a Virgem está sentada sobre um coxim disposto diagonalmente, resultando na posição não frontal, tal como o chanceler. Toda a cena é simétrica, mas com detalhes de assimetria como: o volume do rosto do chanceler toca na pilastra e o da Virgem recua; a coroa detalhada nas mãos do anjo rima com os detalhes dos capitéis do lado esquerdo. O panejamento do manto avermelhado da Virgem se

amplia em leque sobre os ladrilhos, enquanto o azulado tecido que cobre o genuflexório recua. A volumetria do conjunto místico - Virgem, Menino e anjo - está em uma linha ascendente com o Menino no colo, o rosto da Virgem e as asas do anjo, enquanto as linhas do chancelar são estáticas,



Detalhe A Virgem do chanceler Rolin

o livro aberto, as mãos postas e o rosto quase de perfil total.

LEITURA FORMAL – HEINRICH WÖLFFLIN

Estas características formais examinadas segundo as teorias da Gestalt podem ser ampliadas pelas

análises de Heinrich Wölfflin⁴, que aponta nas obras do Renascimento características formais desenvolvidas pelos artistas italianos e flamengos. Primeiro é a linearidade das formas, todas construindo um sentido de tridimensionalidade, ou seja, o olhar do espectador acompanha cada detalhe, tornando a obra quase tátil. Destacam-se os detalhes do casaco de brocado do chanceler debruado a *vison*, a coroa ricamente cinzelada e cravejada de pedras preciosas, assim como o globo que o Menino leva e os brocados na barra do manto da Virgem.

O ambiente no qual o chanceler reza para a Virgem privilegia os dois personagens em primeiro plano e recorre às aberturas dos arcos para arejar a composição - que se fecha por meio da perspectiva centralizada dentro do espaço para o qual os personagens se voltam. Os tecidos não se tocam, suas cores não alteram a coloração dos objetos vizinhos, os três arcos abertos para a paisagem confirmam os dois espaços possíveis criados pela

perspectiva, um interno, fechado em si, e o segundo conseguido pela multiplicidade de fatos dispostos em paralelo, até se diluírem em uma perspectiva aérea, na qual os elementos se dissolvem em meio às montanhas e à luminosidade do poente.

Uma absoluta clareza compositiva destaca o rosto e mãos postas do chanceler, o corpo do Menino, o rosto da Virgem e do anjo com a coroa. O brilho do vermelho do manto da Virgem com inscrições e pedrarias, os desenhos em perspectiva dos ladrilhos do piso, os lírios no jardim aos pés do Menino, as torres das diversas cidades da Borgonha ao fundo, a cruz sobre a ponte e a busca por caracterizar quase dois mil personagens destacados na paisagem⁵.

ICONOGRAFIA E ICONOLOGIA – ERWIN PANOFSKY

Ainda na busca de possíveis leituras, as teorias de Erwin Panofsky⁶ nos auxiliam em três possibilidades: uma leitura pré-iconográfica, na qual se reconhece apenas um homem ajoelhado de mãos

postas olhando para uma criança no colo da mãe e uma paisagem ao fundo; a segunda leitura vem do conhecimento do título do quadro, portanto literário, e de alguma análise sobre os personagens: o chanceler Rolin, a Virgem com o Menino e um anjo com uma coroa -- e uma paisagem que se descortina a partir de três arcos abertos de algum palácio.

Ao reconhecimento dos personagens, ou seja, da *iconografia*, segue-se o estudo mais aprofundado da *iconologia*, que poderá revelar quais teriam sido as intenções tanto do retratado como do artista ao executar tal obra. Sabe-se da história conturbada do chanceler Rolin, ao construir um dos maiores territórios na Europa durante e até o final da Guerra dos Cem Anos, que resulta entre tantos tratados de paz, fazendo do Duque Felipe, o Bom, o príncipe mais ilustre de sua época, ao mesmo tempo em que proporcionará a morte de Joana d'Arc na fogueira em Rouen, na Normandia⁷.

Quanto a Jan van Eyck, era um homem culto, de influência até

política, uma espécie de faz-tudo para servir ao chanceler, que era o supervisor de todas as coisas na corte de Felipe, o Bom. Como artista, foi inovador na aplicação da técnica da pintura a óleo conseguindo sobrepor várias camadas de pigmento aplicadas com óleo e vernizes - possibilitando, assim, que a minúcia dos detalhes chegasse à perfeição.

Mas a Virgem de Rolin não foi a primeira. Van Eyck já elaborara outras obras com a Virgem e seus doadores ao redor⁸ (Fig. 6), sempre a Virgem com o Menino na proporção maior que os seres humanos. Com certo orgulho, Rolin mira a Virgem que, com delicada mão, segura o braço do Menino a sustentar o globo terrestre - *Salvator Mundi* - encimado por uma cruz, com a mão direita a abençoar o chanceler. É um diálogo um tanto impossível do humano - detentor dos bens materiais - com o divino, em busca da redenção.

Ampliando seus feitos, indicados pelos dedos das mãos postas ou aureolando a cabeça do Menino Deus, estão paisagens fantasiosas,

mas nas quais se pode reconhecer torres das cidades de Gant, Bruges, Genebra, Lyon, Autun, Praga, Liège, Maastricht e Utrecht. Para além das cidades, duas mil pessoas perambulam pelas ruas estreitas ou caminham entre as lavouras, os vinhedos, tudo que a terra pode produzir. Campos e cidades unidos em um Éden, sendo o aglomerado urbano a imagem da Jerusalém Celeste.

Voltando para o lugar de oração, um anjo irrompe da extrema direita, lugar um tanto penumbroso, e carrega uma coroa plena de luz. Seu brilho emite uma tonalidade que gera uma luz atmosférica a unir todos os elementos compositivos, atingindo os cumes das montanhas ao fundo. Esta coroa se assemelha a uma outra em ouro, que fora doada pelo chanceler para uma escultura em prata da Virgem para a igreja de Notre-Dame de Autun. Não se pode afirmar, porém, possivelmente desenhada por Jan van Eyck e fabricada em La-Motte-Les-Arras.

Quais teriam sido as intenções

tanto do chanceler como do artista ao elaborar tão complexa obra? De início sabe-se que o quadro em madeira foi colocado na capela como placa comemorativa de seu descanso eterno, como vontade expressa do chanceler. Lá deveriam rezar diariamente uma missa pela salvação de sua alma em busca da eternidade.

A igreja e a capela onde estava enterrado foram destruídas durante a Revolução Francesa. No restauro para a exposição de 2024, revelou-se no verso da obra uma pintura imitando mármore azulado, frio como uma pedra sepulcral⁹. De sua grande obra como estadista ao construir um império, nada restou. Sua memória sobrevive em sua obra de caridade no renomado Hospício de Beaune e em duas obras-primas nas quais é representado pelos dois maiores artistas de seu tempo, Jan van Eyck e Roger van der Weyden.

Jan van Eyck sobreviveu ao tempo e é considerado o maior pintor renascentista flamengo, enigmático, como se mostrou também na célebre obra *O casal Anolfini* (1420)¹⁰.



Rogier van der Weyden



Virgem de Lucca

NOTAS

1 Informação divulgada pela equipe do Museu do Louvre.

2 Gestalt são teorias desenvolvidas por Rudolf Arnheim por volta de 1940 nas quais o autor propõe nova visão para as leituras de obras de arte baseadas na psicologia da visão criadora. São dez apontamentos dos quais o artista elege para criar sua obra. No caso desta obra são importantes a perspectiva, o equilíbrio, a forma, o espaço, a luz e a cor.

3 *Livro das Horas* são incunábulo, ou seja, livros escritos e ilustrados a mão, feitos sobre pergaminho, de pele de animal, contendo as orações a serem rezadas durante o ano litúrgico. Durante toda a Idade Média os monges receberam encomendas dos nobres para produzirem os *Livros de Horas*, até a invenção da impressão dos textos bíblicos e religiosos por Johannes Gutenberg (1400-1468).

4 Heinrich Wölfflin (1864-1945), teórico suíço que, no final do século 19 e início do século 20, escreveu *Conceitos Fundamentais na História da Arte*, obra decisiva para o reconhecimento de obras do período renascentista em contraposição das obras barrocas. Por meio de cinco esquemas analíticos - linear/pictórico;

plano/profundidade; clareza absoluta/clareza relativa; forma fechada/forma aberta; unidade e pluralidade.

5 Esse número de personagens está citado no artigo de HAGEN, Rainer & Rose-Marie, *Que Deus tenha piedade do chanceler*. In *Os segredos das obras-primas da pintura*, p. 36.

6 Erwin Panofsky (1892-1968), crítico e historiador alemão que desenvolveu em seu livro *Significado nas Artes Visuais* (1955) as teorias sobre a pré-iconografia (reconhecimento imediato da imagem); iconografia (reconhecimento através da literatura sobre o assunto); iconologia (estudo aprofundado sobre as personalidades ou figuras propostas pelos artistas de maneiras não explícitas).

7 HAGEN, Rainer & Rose-Marie, *Que Deus tenha piedade do chanceler*. In *Os segredos das obras-primas da pintura*, p. 35.

8 *A Virgem de Lucca* (obra na exposição); *A Virgem e o Menino e o Doador; Madona e a Criança* (1437); *Madona na Igreja* (1438); *Madona com a Criança lendo* (1433); *O Tapete Muçulmano; Maria e o Menino* (painel de Dresden, 1437).

9 Informações retiradas das legendas da exposição no Museu do Louvre. Curadora: Sophie Caron.

10 A obra *O casal Anolfini* (1434, National Gallery de Londres) é das obras mais enigmáticas de Jan van Eyck e especula-se o uso da câmara clara - usado na Renascença, princípio da fotografia (câmara escura) - e técnica do espelho côncavo - para ampliar o campo visual ou a imagem refletida - para a feitura tanto da obra *O casal Anolfini*, como também poderia ter empregado tais recursos para *A Virgem e o chanceler Rolin*. Em ambas as obras, o que mais se destaca como técnicas são os recursos da pintura a óleo e o emprego dos vernizes, técnicas das quais Jan van Eyck é pioneiro.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual. Uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

CARON, Sophie. Catálogo da exposição “La Vierge du Chancelier Rolin”. Paris: Museu do Louvre, Lienart éditions, 2024.

HAGEN, Rainer & Rose-Marie. Que Deus tenha piedade do chanceler. In Os segredos das obras-primas da pintura. Madrid: Taschen, 2002. Tomo 1, p. 32-7.

PANOFSKY, Erwin. *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SEFRIQUI, Anne. *O guia do Louvre*. Paris: Musée du Louvre Éditions, 2005.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PERCIVAL TIRAPELI

Titular em História da Arte Brasileira (2007) pela UNESP. Mestre e doutor (1989) pela ECA/USP. Pós-graduado pela Universidade Nova de Lisboa (2008). Membro da Academia Paulista de Educação, da ABCA, do Icomos, da Sociarte, do Condephaat. Autor de 33 livros, em especial do período colonial brasileiro, pelas editoras Metalivros, Loyola, Unesp, Sesc, Nacional e Arte Integrada. Ministrou palestras e/ou cursos em Bergen, Oslo, Rouen, Madri, Lisboa, Tenerife e América Latina. Como artista, participou de duas Bienais Internacionais de São Paulo (1977 e 1981) e de mais de 100 salões de arte no Brasil e exterior. Obras em acervos da Pinacoteca do Estado e do Centro Cultural São Paulo. Conselhos de Arte do MAM/SP (1989-2001), Museu Bouliou de Ouro Preto (2020) e educativo da Pinacoteca/SP (1992).